

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO**

**JANNAINA CALIXTO DE LIMA**

**DIÁRIO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS: UM ESTUDO  
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL  
(PRODUTO EDUCACIONAL)**

**VITÓRIA  
2020**

**JANNAINA CALIXTO DE LIMA**

**DIÁRIO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS: UM ESTUDO  
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

Dissertação e produto apresentados ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção do grau de Mestre em Educação na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Gomes

**VITÓRIA**

**2020**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

L732d Lima, Jannaina Calixto de, 1973-  
Diário de uma contadora de histórias : um estudo fenomenológico existencial / Jannaina Calixto de Lima. - 2020. 82 f. : il.

Orientador: Vitor Gomes.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Fenomenologia existencial. 2. Arte de contar histórias. 3. Educação infantil. 4. Professores - Formação. I. Gomes, Vitor. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---

**JANNAINA CALIXTO DE LIMA**

**DIÁRIO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS: UM ESTUDO  
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

Dissertação e produto apresentados ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para o grau de Mestre em Educação na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar.

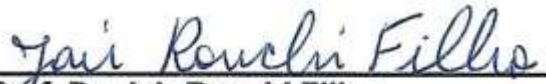
Aprovada em 03 de agosto de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Vitor Gomes**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador



---

**Prof. Dr. Jair Ronchi Filho**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Interno



---

**Prof. Dr. Vanildo Stieg**  
Instituto Federal do Espírito Santo  
Membro Externo

À minha avó materna, Luzia (*in memoriam*),  
que todas as noites, antes de dormir, contava-  
me uma história, um conto ou um caso  
assombroso. Eternas saudades.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a vida, e a cada dia me ensina a caminhar contando histórias.

Ao meu orientador, prof. Dr. Vitor Gomes, sempre presente, dando-me liberdade de fruição e, com tanto carinho, chamando-me de filha, mesmo sendo tão novo... Meu muito obrigada!

À minha mãe, tão querida, pelos inúmeros esforços para que eu pudesse estudar e pelos biscoitinhos de polvilho, que tanto amo.

Ao meu esposo, José Pereira, que sempre me deu apoio em todos os desafios à minha frente.

Aos meus filhos, Guilherme e Isabela, por entenderem minhas ausências, mesmo estando em casa. Amo vocês!

Às minhas amigas/irmãs Eliana Reis e Nilcéa Elias pela força, amabilidade e tantos cafés filosóficos para me fazer chegar até aqui.

A todos os amigos (de coração) que me fazem acreditar que posso ir mais além. Em especial, à tia Eni França (amiga e colega de trabalho), que me ensinou a arte de ser educadora.

Aos meus professores doutores nesta universidade, os quais fazem parte desta história: Erineu Foerste (por me desafiar a contar a primeira história para as crianças), Jayme Doxsey (pela inquietação provocada na disciplina de Psicologia, em que aprendi a amar Carl Rogers), Jair Ronchi (pelo apoio e incentivo na bolsa em um projeto de Extensão desenvolvido em uma “Casa de Passagem”), Terezinha Schuster (pela humildade, palavras, abraços tão sinceros e pelo sapatinho... aí tem uma história), Iguatemi Rangel (pelas inúmeras horas de estudos ao meu lado) e Fabiano Moraes (por seu encantamento na arte de contar histórias).

À professora Dra. Carmem Debenetti, que me encorajou a voltar a escrever, exercício que me tem feito muito bem, muito obrigada.

Aos professores/colegas que compuseram comigo esse caminho da docência.

Aos professores doutores do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) que me ensinaram a debruçar na leitura, conduzindo-me a novas descobertas.

Aos colegas de mestrado profissional que, nesse tempo tão difícil e ímpar em nossas vidas, nunca largaram a mão de ninguém. Obrigada Turma 02 – Resistência.

À Secretaria de Educação pelo apoio, incentivo e liberação para que esse tempo de estudo e pesquisa pudesse ser o mais disponível possível.

Aos contadores de histórias pelos contos, recontos e encantos.

À professora Alina Bonella, que com tanto carinho fez a revisão desta pesquisa. Gratidão!

Às crianças pequenas e grandes, fonte desta pesquisa, que ouviram minhas histórias nas andanças pelo mundo. Vocês são minha inspiração.

## O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino que carregava água  
na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira era o  
mesmo que roubar um vento e sair correndo com  
ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar  
espinhos na água.  
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.  
Quis montar os alicerces de uma casa sobre  
orvalhos.  
A mãe reparou que o menino gostava mais do  
vazio do que do cheio.  
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e  
esquisito porque gostava de carregar água na  
peneira.

Com o tempo descobriu que escrever seria o  
mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser  
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as  
palavras.  
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro  
botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma  
chuva nela.

O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!  
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:  
Meu filho você vai ser poeta.  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas  
peraltagens e algumas pessoas vão te amar por  
seus despropósitos.

Manoel de Barros



## RESUMO

Este estudo objetiva desvelar fenomenologicamente as memórias, vivências e práxis docentes por meio de reflexões, registros e narrativas particulares dos espaços/tempos em imbricamento com a arte de contação de histórias. Busca intercambiar a contação de histórias como prática criativa e potente na formação continuada de professores da educação infantil por meio do desvelamento dos modos de ser em seus entrelaçamentos. Em termos de fundamentação teórica, está pautado nos conceitos de redução fenomenológica e intuição das essências de Forghieri (2002), na escuta empática de Rogers (ROGERS; ROSENBERG, 1977) e nas contribuições de memórias e narrativas de Benjamin (1984, 1994). Para tanto, adota o método da suspensão fenomenológica de Gomes (2004, 2015), bem como o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo de Forghieri (2002). Faz uso de instrumentos, como o diário de campo, relatos de memórias e versão de sentido evidenciando aspectos relativos ao “lugar de fala”, suas vivências e as contribuições nas práticas docentes. Nesse percurso, o método fenomenológico existencial busca compreender, por meio desta pesquisa fenomenológica-eidética, a vivência de uma contadora de história. Como considerações finais, sinaliza que o lúdico, pela arte da contação de histórias, potencializa as práticas docentes, sobretudo na educação infantil, e favorece os processos de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Pesquisa fenomenológica. Educação infantil.

## **ABSTRACT**

This objective study describes phenomenologically the memories, experiences and teaching praxis through reflections, records and particular narratives of the spaces/times in which there is intertwining with the art of storytelling. It seeks to exchange storytelling as a creative and powerful practice in the continuing education of early childhood teachers through the unveiling of the ways of being in their intertwines. In terms of theoretical foundation, it is based on the concepts of phenomenological reduction and intuition of essences by Forghieri (2002), in Rogers' empathetic listening (ROGERS; ROSENBERG, 1997) and in the contributions of Benjamin's memories and narratives (1984, 1994). To do so, it adopts the method of phenomenological suspension by Gomes (2004, 2015), as well as the existential involvement and reflective distance of Forghieri (2002). It makes use of instruments, such as the field diary, reports of memories and version of meaning showing aspects related to the "place of speech", their experiences and contributions to teaching practices. Along this path, the existential phenomenological method seeks to understand, through this phenomenological-eidetic research, the experience of a storyteller. As final considerations, signs that playfulness, through the art of storytelling enhances teaching practices, especially in early childhood education, and favor in teaching-learning processes.

**Keywords:** Storytelling. Phenomenological research. Child education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PÓS-ESCRITO: A CONSTRUÇÃO DO PRODUTO A PARTIR DA PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>14</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>17</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DAS VIDEOAULAS.....</b>	<b>20</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é, portanto, criar, brincar. O narrador brinca e cria ao contar; o ouvinte brinca e cria ao ouvir. E a história brinca e cria ao permitir-nos dizer e desdizer coisas sobre o indizível. Ela brinca com o narrador e com o ouvinte, permite que brinquemos todos juntos com as palavras.

Fabiano Moraes

Este produto surgiu a partir do desenvolvimento da pesquisa que se propõe a desvelar as memórias, vivências e práxis docentes, por meio de reflexões, registros e narrativas dos espaços/tempos em imbricamento com a arte de contação de histórias.

Para isso, sob inspiração da abordagem fenomenológica, a pesquisa se dedicou a “relembrar” e “compreender”, a partir de outro tempo e espaço, minha relação particular com a contação de histórias. Nesse sentido, houve um investimento intertemporal para o regaste de memórias e, assim, apresentação de suas relações com essa prática aqui em evidência.

No segundo momento e a partir dos dados advindos da etapa anterior, considerando o caráter “praxista” do Mestrado Profissional, produzimos quatro videoaulas com duração média de três a quatro minutos acerca de concepções teóricas utilizando a linguagem da contação de histórias, recurso para uso dessa prática como possibilidade de vivenciar conceitos e/ou para promover “alívio lúdico”<sup>1</sup> dentro dos contextos de sala de aula e/ou práticas na docência humana.

Nosso intuito foi compartilhar material audiovisual acerca de concepções de teóricos da fenomenologia e suas contribuições para o espaço/tempo escolar, possibilitando seu acesso “universal” em mídia social dentro de linguagem lúdica. Sua postagem foi realizada no canal do Grupo de Pesquisa de Fenomenologia na Educação<sup>2</sup> no *youtube*. Gpefe Ufes no link abaixo:

[https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq\\_AcHD5A](https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A)

---

<sup>1</sup> Momentos lúdicos impulsionados pelo prazer de contar e/ou ouvir histórias.

<sup>2</sup> Grupo de pesquisa do qual faço parte.

Por último, é necessário esclarecer que não se faz uma pesquisa fenomenológica para intervir, uma vez que seu viés é de observação, descrição e compreensão. Contudo, é possível a utilização de dados de uma pesquisa fenomenológica para interferir e/ou produzir instrumentos que atendam ao viés ativista e transformador de determinada realidade.

Em síntese, o percurso se organiza em dois momentos: o primeiro deles (não interventivo) composto por uma pesquisa fenomenológica, com início, meio e fim; no segundo, fundamentada em dados e conclusões deste estudo, construímos videoaulas a partir de “um clima” de contação de histórias.

## **2 PÓS-ESCRITO: A CONSTRUÇÃO DO PRODUTO A PARTIR DA PESQUISA**

Não se faz pesquisa fenomenológica para intervir, mas é possível que seus dados/conclusões realizem transformações sobre a realidade.

Vitor Gomes

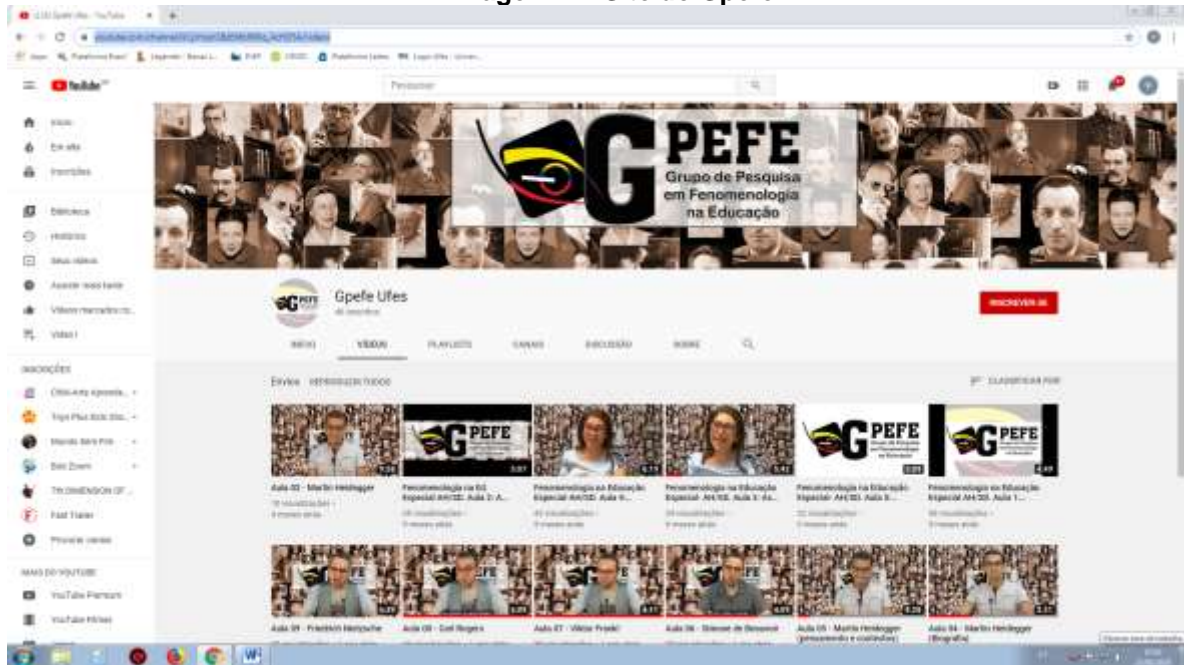
Uma pesquisa fenomenológica não possui como intuito a intervenção, mas, sim, a compreensão dos fenômenos. Entretanto, dado o caráter interventivo do mestrado profissional, bem como a realização de uma prática coerente com o modo de ser desta modalidade de pesquisa, inserimos, de forma intencional, nossa proposta de intervenção como pós-escrito.

O intuito é apresentar que realizamos um estudo com início, meio e fim. Posteriormente, elaboramos este produto. Trata-se de uma derivação construída após sua conclusão. Espaço/tempo em que realizamos a construção de vídeos com temática educacional que une a fenomenologia à contação de histórias. A ideia de construção de videoaulas surgiu a partir dos encontros do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação (Gpefe) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Nesse sentido, com o crescente uso de tecnologias nos tempos atuais, concebemos que sua construção favoreceria um maior alcance de pessoas, possibilitando o compartilhamento de nossas experiências com outro/a(s) profissionais. Considerando seu local de divulgação, compreendemos que sua melhor alocação seria na

plataforma *youtube*, especificamente no canal de vídeos do Gpefe, espaço de acesso “universal” em que há outras produções do grupo. Dessa forma, para a visualização das videoaulas, é necessário acessar o endereço eletrônico: [https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq\\_AcHD5A/videos](https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A/videos).

Imagem 1 – Site do Gpefe



Fonte: [https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq\\_AcHD5A/videos](https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A/videos)

O intuito é que os vídeos possam contribuir para a disseminação das concepções da fenomenologia e contação de histórias na educação. Além disso, no contexto de pandemia em que nos encontramos, compreendemos que tais videoaulas podem ofertar e favorecer orientações iniciais acerca do método fenomenológico na contação de histórias sem que indivíduos necessitem sair de casa para acessá-las.

Trata-se de uma série, intitulada **Fenomenologia e contação de histórias**, composta por quatro videoaulas. São conteúdos de curta duração cujo intuito é exclusivamente a apresentação de concepções iniciais sobre conceitos da fenomenologia e/ou contação de histórias.

A seguir a temática das videoaulas e suas sinopses.

Aula 1 – “Experiência de vida e ferramentas de trabalho”: realiza introdução sobre a fenomenologia e a contação de histórias destacando o lugar de fala, as experiências de vida de uma contadora de histórias e suas ferramentas de trabalho.

Aula 2 – “Escuta empática em Carl Rogers e suas contribuições na contação de histórias”: aborda a importância da escuta empática em Carl Rogers como possibilidade de contribuição na prática da contação de histórias.

Aula 3 – “Yolanda Cintrão Forghieri”: cita as contribuições das concepções da fenomenologia.

Aula 4 – “A fenomenologia na educação de Vitor Gomes”: apresenta as concepções do fenomenólogo e suas aproximações entre fenomenologia e educação.

Por último, evidenciamos que, para a construção dos roteiros das videoaulas, fizemos uso dos livros e pesquisas de Forghieri (2002), Gomes (2004, 2015), Rogers (1977, 1997), bem como utilizamos outros recursos, como poema e contação de história.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola atualmente tem passado por transformações relevantes, sobretudo com o avanço da tecnologia e o acesso por grande parte da população. Nestes tempos, as mudanças nos cotidianos das crianças também se modificaram consideravelmente e têm repercutido no espaço e na dinâmica escolar. Vivemos uma época de incerteza, na qual se delineiam distanciamentos do humano e de práticas essencialmente humanas, como o resgate de memórias e o exercício das narrativas.

Dessa forma, pensar no fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças na educação infantil tem sido uma preocupação de movimentos comunitários, de mulheres, trabalhadores e outros que, em frente a várias ações, culminaram na elaboração do documento norteador dessa etapa de ensino, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Esse documento que orienta práticas docentes para a educação infantil ao se reportar à criança:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Entretanto, para que esse sujeito construa sua identidade, é mister que práticas pedagógicas capazes de proporcionar experiências significativas sejam desenvolvidas na educação infantil. A contação de histórias é um grande facilitador dessa vivência, uma vez que conta com a exploração da narrativa, imaginação, atenção, fantasia, do pensar individual e coletivo, da brincadeira, bem como da continuidade de saberes culturais adquiridos pela sociedade e, conseqüentemente, produtores de culturas. Saberes docentes que são diversos e plurais, como pontua Tardif (2002, p. 54): “[...] saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana”.

Essa pluralidade entre os diversos saberes adquiridos em formação, em conjunto com os saberes de origem e as relações que os professores estabelecem entre eles e as crianças, legitima o fazer docente.

Um destaque a esse documento norteador é quanto ao currículo que descreve como:

[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2010, p. 12).

Outra descrição importante registrada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil versa sobre o respeito aos princípios éticos, políticos e estéticos, porém sobre este último quero destacar sua evidência na prática da contação de histórias. Assim descreve o documento a respeito dos princípios estéticos: “[...] da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010, p. 16).

Princípios esses muito explorados na contação de histórias, em que crianças, professores(as) e todos que dela participam vivenciam a ludicidade seja na narrativa,



seja num conto, seja na leitura de um livro. O ato de contar história tem o poder de explorar ao máximo a criatividade, a sensibilidade, contribuindo com a experimentação de diversas práticas de manifestações culturais.

A partir dessa concepção, este estudo pretendeu ser um acalento, um voltar ao que é essencial, que marca a cultura humana: a arte de narrar suas próprias vivências e experiências. Assim, escolhi me debruçar e me deleitar na arte da contação de histórias como provocações possíveis para se alcançar tal fim.

Nesse sentido, acredito que a contação de histórias tem importante papel como ferramenta potente que une ludicidade e criatividade, que pode servir como reinvenção de um saber/fazer pedagógico imbricado com práticas contextuais (etárias) que servem de pontes entre o(a)s professore(a)s e aluno(a)s dessa primeira etapa da educação básica.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>. Acesso em: 1 maio 2019.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIM, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, 2010.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2002.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERLIN, Meri Nadia Marques. **No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI**. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19224>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- GOMES, Vitor. **A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida**. Curitiba: CRV, 2015.
- GOMES, Vitor. **O bom-humor de professores de uma escola especial e a comicidade que a corrompe: uma “leitura-sentida a partir de Bergson”**. 2008. 276 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico.
- GOMES, Vitor. **Três formas de ser resiliente: (des)velando a resiliência de adolescentes no espaço escolar**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.
- GOMES, Vitor. **Uma colcha de retalhos de sentidos e significações: sobre inclusão, humor e a escola reflexiva**. Vitória – ES: Clube de Autores, 2011.
- GOMES, Vitor; ALMEIDA, Doriedson Alves de; MACIEL JUNIOR, Edson. De jornada nas estrelas a Sophia: ensaio fenomenológico sobre a destituição do humano e suas imbricações educacionais. **Revista Exitus**, v. 1, n. 10, p. 1-25, 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/725/425>. Acesso em: 12 jul. 2019.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (org.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 41-64.

LARROSA- BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Injuí, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORAES, Fabiano. Das vozes que contam imagens aos olhares que reinventam palavras. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 11-17.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl Ransom; ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU/Edusp, 1977.

ROGERS, Carl; ZIMMING, Fred. **Carl Rogers**. Tradução de Marcos Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TIERNO, Giuliano. Ensaio com a praça pública ou sobre o conto nas cidades complexas. In: TIERNO, Giuliano; ERDTMANN, Letícia Liesenfeld (org.). **Narra-te cidade**: pensamentos sobre a arte de contar histórias hoje. São Paulo: A Casa Tombada, 2017.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2002.

# APÊNDICE

## APÊNDICE A – ROTEIRO DAS VIDEOAULAS



### Roteiro de produção e apresentação das videoaulas

#### CARACTERES INICIAIS INSERIDOS EM CADA VIDEOAULA:

GPEFE APRESENTA

Série: **Fenomenologia e contação de histórias**

#### CARACTERES FINAIS INSERIDOS EM CADA VIDEOAULA:

Apresentação: Jannaina Calixto de Lima

Roteiro: Jannaina Calixto de Lima e Vitor Gomes

Direção: Vitor Gomes

Edição: Ygor Henrique

Apoio: Lagebes e Gpefe

UFES e Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação – GPEFE/UFES

Canal do GPEFE:

[https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq\\_AcHD5A/videos](https://www.youtube.com/channel/UCpYopnSBzEMb9RKq_AcHD5A/videos)

## **Aula 1 – Experiência de vida e ferramentas de trabalho**

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima, professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este é o vídeo introdutório da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Nesta aula falarei sobre minhas experiências de vida e ferramentas de trabalho.

Minha caminhada com a contação de histórias em termos profissionais se inicia nos processos formativos do município onde atuo e nos demais locais para os quais sou convidada a me apresentar. Em todos procuro trazer o lúdico como possibilidade adicional às práticas educativas. São momentos com contos literários, histórias diversas e poemas, que são utilizados com a finalidade de favorecer a imaginação e exploração da ludicidade de seus participantes.

Nesse sentido, é hora de apresentar algumas de minhas ferramentas de trabalho.

E, é claro, se estamos falando de contação de histórias, não poderia deixar de contar uma. Então, senta (ou melhor) continue sentado que lá vem a história...

Em meu repertório sempre trago alguns personagens que fazem parte das minhas andanças e confesso a vocês: não tive como deixá-los em casa.

Esse é o Zé da Hora, que aparece sempre acompanhado de uma boa história e de seus amigos, Chico Perguntador (curioso que só) e Silencionildo (mas ele gosta mesmo que o chamem de Nildo) sempre conclamando que, antes de se ouvir uma boa história, é preciso ouvir primeiro o som do coração.

A história de hoje é ...

Era uma vez uma garotinha que nasceu muito, mas muito miudinha e que cresceu (pouco), mas cresceu, e mesmo aos poucos se apaixonava pela vida, vida de roça, vida da cidade, vida do mundo que a intrigava.

Gostava de inventar as coisas, de imitar as pessoas, de sonhar ser um dia professora.

Na roça, nas rodas de conversa em volta da fogueira, ouvia atenta muitas histórias, que guardava na mente e no coração.

O tempo passou e a garotinha cresceu. Pouco, mas cresceu e saiu da roça (embora a roça não saísse dela) e veio para a capital.

Na cidade, encantou-se com as possibilidades, e o sonho virou realidade... Agora, professora, graduou-se e fez mestrado na universidade.

E as histórias? Ah! As histórias continuaram na mente e no coração...

Mas sozinha ela não continuou não! Ganhou novos amigos pelo caminho, que não a deixam na mão!

Escutar é preciso e o filósofo Carl Rogers lhe ensina escuta empática todo dia, na prática muito a auxilia.

Nas rodas de conversas com professores e professoras, ouvir histórias, suas narrativas e memórias, Walter Benjamin propõe sua importância e valia para as próximas gerações.

Yolanda Forghieri veio tocá-la direto no coração e mostrar-lhe a fenomenologia e sua vivência de sentidos, dando-lhe uma nova razão.

Para ajudá-la a compor esta história e as narrativas que entrelaçam as vidas de professores e professoras na pesquisa, Vitor Gomes dá o aviso... que redução e imersão é preciso.

Nas próximas aulas, apresentaremos esses novos amigos e algumas de suas ideias, sempre dentro deste clima. Até lá, um grande abraço. Tchau!

## **Aula 2 – Escuta empática em Carl Rogers e suas contribuições na contação de histórias**

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima: professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este vídeo faz parte da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Na aula de hoje abordarei a importância da escuta empática em Carl Rogers como possibilidade de contribuição na prática da contação de histórias.

Carl Rogers foi um filósofo e psicólogo humanista engajado nos processos de autocompreensão e desenvolvimento humano. Suas teorias foram aplicadas em muitas áreas do saber, como Administração, Medicina, Educação, Serviço Social e outras.

Suas concepções pontuam o valor de uma escuta baseada em empatia, quando deseja se colocar no lugar do outro, num envolvimento existencial com sua fala.

A escuta empática pauta-se pelo respeito e ausência de julgamentos, numa atitude compassiva pela vivência alheia, possibilitando, assim, um ambiente favorável a suas transformações e melhorias.

Trata-se de vivências sem intenção de apresentar respostas imediatas, mas, sim, escutar e compreender numa ação de zelo. Essa concepção é constituída a partir do entendimento de que uma escuta não diretiva oferta cuidado e promove (auto)entendimento e crescimento humano.

### **A escuta empática na contação de histórias**

Então senta que lá vem a história... Para dialogar com o tema de hoje, eu escolhi esta história para vocês... Faz parte de uma lenda indiana e chama-se: “A boneca de sal”.

*Era uma vez uma boneca de sal que, após peregrinar por terras áridas, descobriu o mar e não conseguiu compreendê-lo. Então perguntou ao mar: “Quem é você?”*



*E o mar respondeu: “Sou o mar”.*

*“Mas o que é o mar?”, indagou a boneca.*

*E o mar respondeu: “O mar sou eu”.*

*“Não entendo, mas gostaria muito de entender. Como faço?”, disse a boneca de sal.*

*O mar respondeu: “Encoste em mim”.*

*Então, a boneca de sal timidamente encostou as pontas dos dedos do pé no mar.*

*Sentiu que começava a entender, mas também percebeu que acabara de perder o pé, dissolvido na água.*

*“Mas, o que você fez?”, perguntou a boneca.*

*E o mar respondeu: “Eu te dei um pouco de entendimento e você me deu um pouco de você. Para entender tudo, é necessário dar tudo.”*

*Ansiosa pelo conhecimento, mas também com medo, a boneca de sal começou a entrar no mar. Quanto mais entrava e quanto mais se dissolvia, mais compreendia a enormidade do mar e da natureza, mas ainda faltava alguma coisa:*

*“Afinal, o que é o mar?”, indagou a boneca.*

*Então, foi coberta por uma onda. Em seu último momento de consciência individual, antes de diluir-se completamente na água, a boneca de sal ainda conseguiu dizer: “O mar... o mar sou eu!”.*

**“Ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos do outro”.** **Carl Rogers**

Espero que tenham gostado. Se quiserem conhecer mais sobre o teórico, vale ressaltar que temos aqui, no canal, outra aula sobre Rogers apresentada pelo professor Dr. Vitor Gomes. Até nossa próxima aula. Um beijo. Tchau!

## **Referências**

FALCÃO, G. **A boneca de sal**: uma história sobre empatia. Site GFALCÃO, 2020. Disponível em: <https://www.gfalcao.com.br/post/abonecadesal>. Acesso em: 23 jun. 2020.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl Ransom; ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU/Edusp, 1977.

ROGERS, Carl; ZIMMING, Fred. **Carl Rogers**. Tradução de Marcos Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC).

### **Aula 3 – Yolanda Cintrão Forghieri**

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima: professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este vídeo faz parte da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Hoje falaremos sobre a fenomenóloga Yolanda Cintrão Forghieri.

Yolanda Cintrão Forghieri nasceu em Taquaritinga, interior de São Paulo, e é a caçula dos três filhos do casal Antônio Alves Cintrão e Donária Rodrigues Cintrão.

A autora destaca duas vocações importantes em sua vida derivadas da infância: o magistério e a terapia. Professora, porque, quando criança, contava histórias para as criancinhas e os primos em sua casa; e terapeuta devido ao convívio com sua mãe.

Nesse tempo, Yolanda percebia que sua mãe sofria de angústia e expressava medo de enlouquecer.

Diante disso, mesmo criança, criava situações para acalmá-la.

Quando cresceu, ensejou contribuir para o alívio do sofrimento humano. Conhecendo Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger e Buber, imergiu e se tornou referência na fenomenologia. Inferindo sobre sua identificação, extraímos a fala de seu livro “Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas” no qual expressa: a reflexão fenomenológica vai em direção ao “mundo da vida”, ao mundo da vivência cotidiana imediata, no qual todos nós vivemos.

Muitos são seus legados, mas enfatizo um conselho deixado por ela aos estudantes de Psicologia e aqui quero estender a todos nós da educação: *“Que eles, racionalmente, estudem aprofundadamente todas as teorias psicológicas, mas deixem que alguma ou algumas delas tenham eco em seu coração, porque, como*

*dizia Pascal, lá longe, ele afirmava que ‘O coração tem razões que a própria razão desconhece’.*

Que bela história, né?

Para os que quiserem conhecer mais sobre a autora, sugiro a leitura e visualização dos materiais que nos auxiliaram na elaboração deste vídeo. São eles: o livro “Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas” e a entrevista: “Contribuição pessoal para uma perspectiva psicológica da fenomenologia – Yolanda Cintrão Forghieri”, disponível no link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=RKrZMmGXNLI>

As compreensões de Yolanda Cintrão Forghieri nos ensinam uma fenomenologia humanista, existencialista e do cuidado com o outro. Espero que tenham gostado. Até nossa próxima aula. Tchau!

## **Referências**

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 2002.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (org.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 41-64.

## **Aula 4 – A fenomenologia na educação de Vitor Gomes**

Olá, sou Jannaina Calixto de Lima: professora, assessora da educação infantil e contadora de histórias. Este vídeo faz parte da série de videoaulas intitulada: **Fenomenologia e contação de histórias**. Hoje falaremos sobre a fenomenologia na educação de Vitor Gomes.

Vitor Gomes é fenomenólogo com produções a partir do início do século XXI. É professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e autor de diversos livros. Suas teorias trazem aproximações entre a fenomenologia e a educação.

Muito engajado em teorias humanistas, existencialistas e nos estudos fenomenológicos, frequentemente usando linguagem literária, o teórico é influenciado por Nietzsche, Merleau-Ponty, Rogers, Frankl e Forghieri.

Suas principais contribuições versam sobre uma fenomenologia da resiliência e da educação especial a partir de um viés transdisciplinar.

Compreende a fenomenologia como perspectiva, pensamento que tem como objetivo o desnudamento das essências não estáticas observadas a partir de um tempo e espaço também não estáticos. Sua compreensão está intrinsicamente ligada ao seu entendimento do que é humano, ao sentido das coisas, ao fenômeno. Daí sua valorização pelo que o outro traz em si, dando valor e significado às vivências, em suas diversas formas.

O teórico ressalta em seu livro “A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida”, que como passo inicial de uma pesquisa fenomenológica, “[...] é necessário mergulhar nas origens das coisas, dos nomes, das pessoas com o intuito de desvelar suas essências” (GOMES, 2015, p. 68).

E acrescenta: “[...] a fenomenologia, como método, é uma forma de fazer ciência que compreende a humanidade/humanização de uma pesquisa científica, sendo influenciada pelos múltiplos aspectos que constituem a formação e percepção do pesquisador (GOMES, 2004, p. 57).

Gomes propõe que, em busca de uma suspensão ainda que relativa, uma pesquisa fenomenológica, em seu primeiro momento, deve realizar a descrição literal das vivências para, posteriormente, buscar sua compreensão. Esses passos procedimentais contribuem para a experiência do fenômeno tal como ele se mostra no que é visível, na existência.

Para os que desejarem conhecer a sua fenomenologia na educação e/ou a transdisciplinar, recomendamos a leitura de seus livros: “A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida” e “Uma colcha de retalhos de sentidos e significações”.

Seguem alguns links nos comentários para os que desejarem ler alguns de seus artigos.

Esta foi nossa videoaula final sobre os autores e pesquisadores que fazem parte da minha história. Espero que tenham gostado. Um beijão e até breve.

## Referências

GOMES, Vitor. **A fenomenologia da resiliência**: teorias e histórias de vida. Curitiba: CRV, 2015.

GOMES, Vitor. **O bom-humor de professores de uma escola especial e a comicidade que a corrompe**: uma “leitura-sentida a partir de Bergson”. 2008. 276 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico, Vitória, 2008.

GOMES, Vitor. **Três formas de ser resiliente**: (des)velando a resiliência de adolescentes no espaço escolar. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

GOMES, Vitor. **Uma colcha de retalhos de sentidos e significações**: sobre inclusão, humor e a escola reflexiva. Vitória – ES: Clube de Autores, 2011.

GOMES, Vitor; ALMEIDA, Doriedson Alves de; MACIEL JUNIOR, Edson. De jornada nas estrelas a Sophia: ensaio fenomenológico sobre a destituição do humano e suas imbricações educacionais. **Revista Exitus**, v. 1, n. 10, p. 1-25, 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/725/425>. Acesso em: 12 jul. 2019.